

Repositório ISCTE-IUL

Deposited in *Repositório ISCTE-IUL*:

2026-10-26

Deposited version:

Publisher Version

Peer-review status of attached file:

Peer-reviewed

Citation for published item:

Iannizzotto, L. & Paio, A. (2025). A forma do vazio: Repensar o potencial dos terrain vague para a criação de espaços públicos alternativos. In Teresa Marat-Mendes (Ed.), PNUM Morfologia Urbana: Planeamento, Recuperação e Resiliência: Atas de Artigos (pp. 410?430). Iscte, Instituto Universitário de Lisboa DINÂMIA'CET.

Further information on publisher's website:

<https://pnum.fe.up.pt/en-gb/atas-de-artigos-pnum-2023.pdf>

Publisher's copyright statement:

This is the peer reviewed version of the following article: Iannizzotto, L. & Paio, A. (2025). A forma do vazio: Repensar o potencial dos terrain vague para a criação de espaços públicos alternativos. In Teresa Marat-Mendes (Ed.), PNUM Morfologia Urbana: Planeamento, Recuperação e Resiliência: Atas de Artigos (pp. 410?430). Iscte, Instituto Universitário de Lisboa DINÂMIA'CET.. This article may be used for non-commercial purposes in accordance with the Publisher's Terms and Conditions for self-archiving.

Use policy

Creative Commons CC BY 4.0

The full-text may be used and/or reproduced, and given to third parties in any format or medium, without prior permission or charge, for personal research or study, educational, or not-for-profit purposes provided that:

- a full bibliographic reference is made to the original source
- a link is made to the metadata record in the Repository
- the full-text is not changed in any way

The full-text must not be sold in any format or medium without the formal permission of the copyright holders.



A FORMA DO VAZIO: REPENSAR O POTENCIAL DOS TERRAIN VAGUE PARA A CRIAÇÃO DE ESPAÇOS PÚBLICOS ALTERNATIVOS.

Lorenzo Stefano Iannizzotto^a, Alexandra Paio^b

^a Iscte – Instituto Universitário de Lisboa, Doutoramento em Arquitetura dos Territórios Metropolitanos Contemporâneos, DINÂMIA'CET-Iscte, Lisboa, Portugal. E-mail: lorenzo_stefano_iannizzotto@iscte-iul.pt

^b Iscte – Instituto Universitário de Lisboa, Departamento de Arquitectura e Urbanismo (ISTA), DINÂMIA'CET-Iscte, Lisboa, Portugal. E-mail: alexandra.paio@iscte-iul.pt

Page | 410

RESUMO

Devido à rápida urbanização e à alternância cíclica de movimentos de expansão e retração, a cidade contemporânea gerou novos tipos de espaço. Entre estes, podemos identificar os Urban Voids (Lopez-Pineiro, 2020) ou Terrain Vague (Solà-Morales, 1995), espaços abertos dentro do limite da cidade que não são edificados, não são espaços públicos e não têm uma função específica, e onde a dimensão urbana se mistura e híbrida com o rural e o selvagem, com fronteiras desfocadas. Estes espaços têm um elevado valor identitário e podem oferecer uma alternativa valiosa aos espaços públicos formais, atualmente cada vez mais saturados e controlados. Este artigo visa discutir uma nova abordagem para os Terrain Vague a partir da literatura e exemplos; apresentar, como ponto de partida, a criação de um atlas dos Terrain Vague de Lisboa, e analisar comparativamente três Terrain Vague, através de desenhos e fotografias, com o objetivo de valorizar a identidade dos lugares, promoção de conexões e mudanças significativas nas vivências da cidade. contexto geomorfológico do sítio; a última, a análise horizontal, entende-se uma análise etnográfica, realizada principalmente com material fotográfico através de levantamentos in situ. Finalmente, na terceira parte, será feita uma análise comparativa de três terrenos vagos selecionados em Lisboa, realizada através da metodologia acima explicada. No artigo apresenta-se um primeiro ensaio da metodologia adotada no estudo, e os primeiros resultados provisórios que permitem debater o potencial dos Terrain Vague para a criação de espaços públicos alternativos nas cidades contemporâneas.

Palavras-chave: Terrain Vague; Urban Voids; Cartografia; Urban Commons; Ecologia urbana; Lisboa

INTRODUÇÃO

Devido à rápida urbanização e à alternância cíclica de movimentos de expansão e retração, a cidade contemporânea gerou novos tipos de espaço. Entre estes, podemos identificar os Urban Voids (Lopez-Pineiro, 2020) ou Terrain Vague (Solà-Morales, 1995), espaços abertos dentro do limite da cidade que não são edificados, não são espaços públicos e não têm uma função específica, e onde a dimensão urbana se mistura e híbrida com o rural e o selvagem, com fronteiras desfocadas. Devido ao seu carácter mutável, elusivo e instável, existem várias definições para estes espaços, cada uma das quais leva consigo uma perspetiva teórica e um conjunto de valores e juízos diferentes. Estes espaços têm um elevado valor identitário e podem oferecer uma alternativa valiosa aos espaços públicos formais, hoje em dia cada vez mais saturados e controlados. De facto, devido à sua natureza, estes espaços prestam-se a usos e apropriações informais, à proliferação da biodiversidade, à produção de alimentos locais, à experimentação urbana e usos alternativos, multifuncionais e de colaboração. Novas abordagens que permitem activar e ampliar o grande potencial destes espaços, para além do monofuncional e de um mero recurso económico. O seu papel no desenho global, ecossistema de espaços públicos alternativos na cidade, combina uma visão ecológica e social, reconhecendo o seu valor como *Urban Commons* (Petrescu et al., 2021). Além disso, a concepção destes espaços deve ter em conta o



factor tempo: estes espaços têm, de facto, valor tanto para utilizações temporárias e provisórias, como para intervenções planeadas a longo prazo. Este artigo visa discutir uma nova abordagem para os Terrain Vague a partir da literatura e exemplos; apresentar, como ponto de partida, a criação de um atlas dos Terrain Vague de Lisboa, e analisar comparativamente três Terrain Vague, através de desenhos e fotografias, com o objetivo de valorizar a identidade dos lugares, promoção de conexões e mudanças significativas nas vivências da cidade. Na primeira parte, será apresentada uma série de conceitos e avaliações, começando pela revisão da literatura, para identificar um conjunto de boas práticas e uma nova abordagem para o projeto, utilização ou gestão destes espaços. Na segunda parte, serão explicados os fundamentos e a metodologia utilizados para criar um atlas dos Terrain Vague de Lisboa, o território escolhido como caso de estudo. Finalmente, na terceira parte, será feita uma análise comparativa de três terrenos vagos selecionados em Lisboa, realizada através da metodologia acima explicada. No artigo apresenta-se um primeiro ensaio da metodologia adotada no estudo, e os primeiros resultados provisórios que permitem debater o potencial dos Terrain Vague para a criação de espaços públicos alternativos nas cidades contemporâneas.

ESTADO DA ARTE

TERRAIN VAGUE

"A cidade está morta. Desapareceu algures durante o século XX". (Friedmann, 2002)

Os aglomerados urbanos estão em constante crescimento e a tornar-se o principal modelo de habitat humano, estimando-se que, no futuro, a maioria da população mundial viverá neles (UN-Habitat, 2009). Por estas razões, é importante e urgente estudá-las adequadamente, a fim de enfrentar da melhor forma possível os importantes desafios globais futuros de sustentabilidade e inclusão (Perrone, 2019) (Nações Unidas, 2018).

A cidade histórica europeia tinha um centro e limites bastante claros, um grupo de pessoas que se reconheciam como cidadãos e como uma coletividade que habitava um determinado espaço físico, e um contraste com a não-cidade, com o campo (Romano, 1993, 2010). Mesmo quando as cidades se expandiram consideravelmente durante o século XX, englobando territórios circundantes e com a construção dos subúrbios, e novos termos foram cunhados para descrever a forma cada vez mais complexa e expansiva da cidade, como "conurbações", "cidades-regiões", "regiões urbanas", "regiões metropolitanas" e "cidades-regiões globais", essa forma urbana ainda era concebida em oposição a algo não urbano, rural, que existia além de suas fronteiras (Balducci, 2012). Nos últimos trinta anos, o rápido e intenso processo de urbanização levou a mudanças radicais nos assentamentos urbanos, na sociedade e nas relações materiais e imateriais, levando urbanistas e geógrafos a questionar a tradicional oposição entre urbano e rural e a propor novas descrições e definições dessa nova forma urbana. Muitos autores tentaram definir esta nova forma urbana, como *zwischenstadt* ou cidade intermédia (Sieverts, 2003), *Città Diffusa* (Secchi, 2005), *Generic City* (Koolhaas, 1995), *edge city* (Balducci, 2012), *Postmetropolis* (Soja, 2000), *Planetary Urbanization* (Brenner & Schmid, 2011).

Em síntese, poderíamos identificar algumas características comuns: novas escalas de urbanização a serem consideradas, que se estendem muito além das fronteiras da cidade tradicional; o esbatimento dos limites e fronteiras dos territórios urbanos; a reorganização das hierarquias e polos geográficos; fluxos materiais e imateriais a serem considerados; novos ritmos; dimensões urbanas, rurais e selvagens que se misturam, se sobrepõem, se hibridizam; a desintegração do conceito de "hinterland" e do rural, não urbano; o fim do conceito de "wilderness" (Brenner & Schmid, 2011).



Outro aspeto importante é conceber a cidade não como algo estático e eterno, como talvez a cidade possa ter sido no passado; hoje em dia, seria mais interessante considerar a cidade como algo dinâmico, mutável, com aspectos de efemeridade e nomadismo dentro dela, mas também e sobretudo mutável, com períodos naturais de expansão e retração (Brito-henriques et al., 2019; Kamvasinou & Roberts, 2014; Lynch, 1990b). Por esses aspectos, a cidade produz monumentos, mas também detritos, restos e resíduos, também espacialmente (Lynch, 1990a; Marini, 2010).

Page | 412

Entre os espaços invisíveis (Augé, 1995) gerados pela urbanização rápida e pela alternância entre expansão e retração, encontram-se os Terrain Vague (Solà-Morales, 1995) ou Vazios Urbanos (Lopez-Pineiro, 2020). Estes novos espaços, que desde a década de 1960 têm atraído a atenção de artistas, fotógrafos e cineastas, são agora cada vez mais estudados e propostos por arquitectos, urbanistas e pelo mundo académico. Estes espaços, devido à sua natureza mutável, indefinida e elusiva, são difíceis de definir de uma vez por todas e, por esta razão, existem muitas definições diferentes. É importante notar que cada uma destas definições representa uma lente ou perspetiva teórica e transporta consigo uma série de juízos e valores, bem como possíveis intenções para o futuro. De facto, como foi corretamente afirmado: "Um vazio urbano deve permanecer absolutamente inominável para que possa manter a sua abertura, marginalidade e indeterminação. Como salientou James Corner, um vazio não pode ser rotulado porque nomeá-lo é reivindicá-lo de alguma forma" (Lopez-Pineiro, 2020).

Algumas das definições destes novos espaços são: Nuove Terre (Marini, 2010), espaços que sobram, Spazi Interclusi (Zetti e Rossi, 2018), Interstitial Landscape ou Unintentional Landscape ou marginalia (Gandy, 2011, 2013b, 2016, 2022a), In-between places (Spirito, 2015), Territori attuali (Careri, 2006), terra incognita (Bowman e Pagano, 2004), terrenos baldíos, Spaces In-Between, brownfield, vacant land or lots, Drosscape (Berger, 2006), third landscape (Clément, 2022), terrain vague (Solà-Morales, 1995), Urban Voids (Lopez-Pineiro, 2020) ou Urban interstices (Brighenti, 2013).



Figura 1: Terrain Vague em Lisboa (fonte: elaborada pelos autores).



ORIGEM DOS TERRAIN VAGUE

À primeira vista distraída, estes espaços parecem desligados do resto da cidade e sem qualquer vestígio do passado e da história do lugar. Por estas razões, pode haver uma tendência para pensar que os interstícios urbanos foram gerados ao acaso. No entanto, as marcas deixadas no território a que estes espaços pertencem mostram que a sua origem não é de todo aleatória (Clément, 2005; Corboz, 1985). Se explorados cuidadosamente, os interstícios urbanos "permitem muitas vezes a leitura dos diferentes tempos e das diferentes componentes do seu palimpsesto territorial", destacando a estrutura da "persistência histórica e geomorfológica do território, inspirando, como testemunhas visíveis de um projeto implícito, as regras para o seu redesenho" (Rossi & Zetti, 2017, 10-11). Como muitas vezes acontece, antes dos urbanistas, dos arquitectos e da academia, foram os fotógrafos, os artistas e os cineastas que primeiro mostraram interesse e curiosidade por estes espaços, e que os representaram e revelaram ao público. Realizadores de cinema como Antonio, Fellini e Pasolini representaram estes espaços nos seus filmes (Mariani & Barron, 2011), fotógrafos como Manolo Laguillo (Manolo Laguillo, 2007) e Giovanni Chiaramonte (Chiaramonte & Geronazzo, 2009), e artistas como Gordon Matta-Clark (Caroline Goodden et al., 2016) fizeram destes espaços o objeto privilegiado das suas obras. Podem identificar-se duas origens principais para a geração de interstícios urbanos: a origem geográfica e a origem antrópica. De acordo com a teoria de Saverio Muratori e seus seguidores (Ravagnati, 2016), as estruturas originais dos assentamentos são fortemente afectadas pela presença de antigos caminhos de ligação, que se baseavam em elementos e factores geomorfológicos - isto é, por exemplo, elementos topográficos, hidrográficos e geográficos. Consequentemente, este facto tem influência no desenvolvimento das cidades e também nos vazios urbanos. Lisboa é um exemplo claro deste facto. De facto, o desenvolvimento da cidade, muito influenciado pela clara topografia da cidade, baseou-se em parte nas condições geográficas do vale e da cumeada (Carrilho da Graça & Sequeira, 2019). Muito interessante é que muitos vazios urbanos, mesmo no centro denso da cidade, ainda permanecem entre o vale e a crista, ou seja, na condição intermediária da encosta, devido à dificuldade de construir por conta da declividade acentuada (Iannizzotto et al., 2021). No entanto, noutros casos, os vazios permanecem nos vales, que foram cultivados devido à presença de água. O desenho urbano contemporâneo é também uma das causas dos interstícios urbanos (Secchi, 2005). É possível observar um estranho fenómeno: quanto mais se intensifica o desenho da cidade, produzindo um grande número de planos, documentos e leis que procuram impor a ordem através do controlo, mais se criam espaços não utilizados e vazios. Este aspeto é revelado no trabalho de Gordon Matta Clark, *Reality Properties: Fake Estates* (1965). De facto, Sara Marini (2010, 55) refere que Gordon Matta Clark, "ao propor documentos cadastrais, mapas e fotografias de um território como obras de arte [...] explicita a relação entre os diferentes níveis de planeamento e a percepção da realidade", de tal forma que "estas experiências sobre o desperdício marcam como o processo de ordem que governa os territórios pode ser o principal arquiteto de áreas marginalizadas ou inúteis". São áreas expectantes sem destino, fruto de intervenções suspensas ou resultado da miríade de micro-acrécimos da iniciativa privada, aproveitando a fragilidade dos instrumentos de regulação urbana (Brito-henriques et al., 2019; Cavaco et al., 2018; Hwang & Lee, 2020; Newman et al., 2018; Zetti & Rossi, 2018). Kristallia Kamvasinou identifica três estatutos destes espaços com base na sua condição ou estado: Espaços impróprios para desenvolvimento, ou seja, espaços que, devido a questões de propriedade, legais ou políticas, foram considerados inadequados para qualquer construção ou desenvolvimento; Terrenos vagos ou terrenos pendentes de desenvolvimento, ou seja, áreas onde foram ou seriam planeados desenvolvimentos, mas que atualmente permanecem sem utilização; Terrenos abandonados, ou seja, antigos espaços industriais, poluídos ou arruinados que necessitam de regeneração (Kamvasinou, 2011).



NOVA ABORDAGEM E EXEMPLOS

Embora abandonados, ambíguos, residuais, sem uma função económica precisa e muitas vezes considerados problemáticos, estes espaços têm um grande valor e já desempenham funções importantes para a cidade. A mudança de perspetiva consiste em encarar o vazio de forma positiva, de facto "A relação entre a ausência de uso, de atividade, e o sentido de liberdade, de expectativa, é fundamental para compreender o potencial evocativo dos terrenos da cidade. O vazio, a ausência, mas também a promessa, o espaço do possível, da expectativa" (Solà-Morales, 1995). Embora não construídos, "os terrenos vagos podem revelar-se tudo menos vazios, muitas vezes ocupados por actividades quotidianas e recuperados pela natureza, enriquecendo assim ativamente os recursos sociais e de espaços verdes de uma cidade" (Kamvasinou e Roberts, 2014). Com efeito, precisamente devido às suas características e ao seu estado de abandono, estes espaços estão disponíveis para usos e actividades alternativas não permitidas noutros locais e para apropriações espontâneas e temporárias, oferecendo-se como espaços alternativos aos espaços públicos tradicionais cada vez mais controlados e institucionalizados (Kamvasinou, 2011, 2020; Franck, 2014; Kamvasinou e Roberts, 2014; Beveridge, Kip e Oevermann, 2022). Além disso, estes espaços desempenham importantes funções ecológicas (como o escoamento das águas pluviais, por exemplo) e são extremamente ricos em biodiversidade, pois são espaços mais dinâmicos e menos sujeitos ao controlo humano (Kamvasinou, 2006; Gandy, 2013a, 2016, 2022b, 2022a; Deriu, Kamvasinou e Shinkle, 2014; Lee, Hwang e Lee, 2015; Cortinovis e Geneletti, 2018; Brito-henriques, Cavaco e Labastida, 2019; Clément, 2022). Finalmente, estes espaços podem ter um valor estético e cultural considerável: nos últimos tempos, é possível notar uma crescente apreciação estética por áreas pós-industriais e abandonadas e, além disso, estas áreas preservam frequentemente vestígios visíveis da história e do passado do local (Gandy, 2013b; Kamvasinou, 2018; Zetti e Rossi, 2018).

Page | 414

Para ativar o enorme potencial destes espaços e para a sua preservação, é necessária uma nova abordagem, não baseada no valor monofuncional, meramente económico e no "modelo eficiente do movimento moderno da tradição iluminada" (Solà-Morales, 1995), mas uma abordagem mais flexível, dinâmica e reversível baseada no tempo e na efemeridade, no processo de co-criação, que valoriza e preserva a diversidade que existe nestes espaços, tanto humana como não humana. Uma abordagem que permita a diversidade social e ecológica, integrando a abordagem social, através de processos de co-criação e considerando todos os diferentes valores gerados, incluindo "aspectos multidimensionais dos bens comuns urbanos" (Petrescu et al, 2021), e a abordagem ecológica (Keil, 2020), considerando todos os benefícios gerados pelos serviços ecossistémicos (B. Potschin e H. Haines-Young, 2011; Cortinovis e Geneletti, 2018).

METODOLOGIA

Na primeira parte, será apresentada uma série de conceitos e avaliações, começando pela revisão da literatura, para identificar um conjunto de boas práticas e uma nova abordagem para o projeto, utilização ou gestão destes espaços. Além disso, serão analisados três exemplos de projetos recentes, com o objetivo de demonstrar o grande potencial destes espaços e as estratégias implementadas para concretizar a nova abordagem. Na segunda parte, serão explicados os fundamentos e a metodologia utilizados para criar um atlas dos Terrain Vague de Lisboa, o território escolhido como caso de estudo. De facto, depois de compreender a nova abordagem e examinar exemplos que demonstram possíveis soluções, torna-se importante mapear e analisar os Terrain Vague, para recolher dados sobre o contexto, as características, o potencial, os usos e as pessoas ativas nestes espaços. Nesta parte, será apresentada e explicada a metodologia que será utilizada para a criação deste atlas, considerando a investigação numa fase ainda em curso. A análise será composta por três camadas correspondentes: 1) histórica; 2) vertical; e 3) horizontal.



A primeira, através da comparação de diferentes cartografias históricas disponibilizadas pela Câmara Municipal de Lisboa, tentar-se-á compreender a evolução do sítio ao longo do tempo; a segunda, entende-se uma análise quantitativa, obtida principalmente com geodados elaborados com software SIG e fotografias de satélite, com o objetivo de delinear o contexto geomorfológico do sítio; a última, a análise horizontal, entende-se uma análise etnográfica, realizada principalmente com material fotográfico através de levantamentos in situ. Finalmente, na terceira parte, será feita uma análise comparativa de três terrenos vagos selecionados em Lisboa, realizada através da metodologia acima explicada.

Page | 415

Para compreender o potencial dos vazios urbanos e formular hipóteses de cenários futuros, é necessário efetuar um mapeamento e levantamento detalhado e completo, que nos permita recolher uma grande quantidade de informação e dados para trabalhar. O levantamento incluirá uma análise dos vazios urbanos da cidade de Lisboa, que tem como objetivo reunir todo o material existente e acrescentar novas camadas de informação. Já tive experiência com tarefas semelhantes na minha tese de mestrado (Iannizzotto, Sousa Santos, Ventura Trindade, Lucchesi, 2021). Como resultado, será criado um atlas dos Terrain Vague de Lisboa publicados numa plataforma como o ArcGIS StoryMaps. Atlas estático dos vazios urbanos de Lisboa. Recolher, gerir e analisar grandes quantidades de dados provenientes da análise vertical e representá-los num mapa estático. Este mapa fornecerá informações úteis sobre a origem, evolução, localização e relações. O resultado é quantitativo. Este mapa multicamada será realizado com um sistema GIS e será de acesso livre. A análise vertical é a análise geomorfológica tradicional, baseada em: topografia, geomorfologia, hidrografia, geologia, morfologia urbana, ortofotos, propriedades, biodiversidade e permeabilidade do solo. Uma grande quantidade de dados e informação já existe em plataformas open-source disponibilizadas pela Câmara Municipal de Lisboa, outras instituições e outros projectos públicos como o projeto NoVoid. Atlas interativo e sensorial dos vazios urbanos de Lisboa. Um mapa experimental dinâmico e interativo será o resultado de uma análise horizontal qualitativa. Plataforma e mapa dinâmicos, interactivos e facilmente Será criada uma plataforma e um mapa dinâmicos, interactivos e facilmente acessíveis, com diferentes camadas e capazes de gerir dados de campos muito diferentes (multimédia, som, perceção, desenhos, entrevistas, análises sociológicas). Este mapa é dinâmico e será uma ferramenta para pensar, implementar e verificar propostas com o envolvimento dos cidadãos, através de processos de participação e mapeamento colaborativo. Para a análise horizontal, os dados serão recolhidos através de inquéritos no local, entrevistas, questionários, fotografias, vídeos, localizadores GPS, envolvimento das partes interessadas, associações e cidadãos.

ATLAS DOS TERRAIN VAGUE DE LISBOA

Lisboa é uma cidade com muitos *Terrain Vague* ou *Urban Voids*. Entre 2016 e 2019, um projeto de investigação financiado pela FCT e coordenado pelo Professor Eduardo Brito-Henriques (*NoVOID, Ruins and Vacant Lands In the Portuguese Cities*), estudou os Terrain Vague de Lisboa e teve como objetivos o estudo, mapeamento e avançar um conjunto de propostas sobre o possível futuro destes espaços (Brito-henriques et al., 2019; Cavaco et al., 2018).

Lisboa é um caso paradigmático e interessante para o estudo dos Terrain Vague. De facto, podem ser identificadas duas origens estreitamente relacionadas: uma geomorfológica e outra causada pelo planeamento. Lisboa, devido à sua topografia acidentada, desenvolveu-se ao longo da história ao longo de percursos ancestrais de vales e festos, com base nas condições geográficas de vale e festo (Carrilho da Graça & Sequeira, 2019). Este facto deu origem a uma cidade linear ao longo destes dois percursos, deixando pelos meio extensos espaços não urbanizados, devido ao declive, que se mantêm até aos dias de hoje (Iannizzotto et al., 2021). Outros vazios ficaram destinados maioritariamente ao uso agrícola, sendo interessante notar que esta vocação agrícola



se manteve até tempos mais recentes (Marat-Mendes et al., 2021). Muitos outros vazios urbanos, por outro lado, resultam da desativação de zonas industriais ou da não realização de grandes obras de infraestruturas. Por fim, é de referir que o plano urbanístico implementado pelo urbanista Étienne de Groër, convocado no final da década de 1930 por Duarte Pacheco, levou à expropriação de muitos terrenos rurais para a realização de grandes obras públicas e infraestruturas (Expropriações Em Lisboa Nas Décadas, de 30 e 40, Do Séc. XX, 2016; Marat-Mendes & Mafalda Teixeira de Sampayo, 2010).

Page | 416

No entanto, estes espaços também podem ser considerados como um recurso valioso de terrenos disponíveis, de baixo custo e bem localizados para construção e, por conseguinte, como um terreno privilegiado para habitação social. Este tipo de terreno é hoje um recurso raro numa capital europeia e, de facto, não é por acaso que estes terrenos foram escolhidos durante o Programa Especial de Realojamento (1993) e são hoje escolhidos pela Lisboa Ocidental SRU.

Tomamos como exemplo emblemático o grande vazio existente no vale de Santo António, "acessível das avenidas General Roçadas à Mouzinho de Albuquerque. Nesta enorme porção de terreno, durante séculos de expansão, apenas encontramos um Quartel do séc. XVIII e a vila operária Cândida de Oliveira. XVIII e a vila operária Cândida, inaugurada em 1915" (Torres Do Alto Da Eira, 2023).

A partir de uma rápida comparação com a cartografia histórica existente verificamos como este espaço no início do século se encontrava numa grande área não urbanizada, provavelmente uma área destinada à agricultura, que ao longo do tempo, com a expansão da cidade, foi sendo cada vez mais ocupada por edifícios. A partir de uma análise da topografia, verificamos como este espaço se encontra na condição de meia encosta.

Na década de 1970, foi objeto de um grande plano de expansão urbana, "o Plano de Urbanização do Vale Escuro, do qual apenas se concretizou uma ínfima porção. Só duas torres foram construídas, nunca se foram efetivando as ligações necessárias" (Torres Do Alto Da Eira, 2023) muito criticado por Gonçalo Ribeiro Telles (Ribeiro, 2005). Na década de 90, foram construídos dois importantes projetos do Programa Especial de Realojamento nesta zona, nomeadamente o Bairro da Graça / Sapadores e O Bairro do Vale de Santo António.

Uma visita rápida ao local revelou os diferentes usos atuais do espaço vazio: zona para brincar (Brincapé), horta comunitária (Regador), agricultura informal, parque de estacionamento, jardim infantil. Para além disso, a visita revelou a utilização de um destes vazios para a construção de um edifício da SRU Lisboa. Verificou-se a propriedade pública deste vazio bem como a existência de um plano ambicioso, o Plano de Urbanização do Vale de Santo António, que prevê a ocupação de parte do vazio com edifícios de habitação social, enquanto outra parte permanecerá vazia e será espaço verde público.

Em suma, podemos afirmar que os Terrain Vague podem ser um recurso importante de terrenos vazios de baixo custo para novos empreendimentos de habitação social, mas que também podem permanecer não construídos e desempenhar um papel importante no reforço do sentido de comunidade, integrando (A. J. Pinto & Brandão, 2015) e oferecendo espaços públicos alternativos aos empreendimentos habitacionais existentes. De facto, uma das questões mais importantes que emergiu nos dois debates do CCB que antecede a exposição Habitar Lisboa (Raposo, 2023), é que a procura de habitação não pode terminar apenas com a construção de habitações, mas deve também incluir a criação de espaços públicos e verdes de qualidade, bem como a qualidade visual e as relações intangíveis. Em conclusão, podemos dizer que, no futuro, teremos de pesar e equilibrar as duas potencialidades dos Terrain Vague, quer como terreno de construção, quer como espaço de integração, para tornar Lisboa uma cidade melhor em todos os aspetos.



Page | 417



Figura 2: Primeiro Mapeamento dos Terrain Vague de Lisboa (fonte: elaborada pelos autores).

ANÁLISE HISTÓRICA





Figura 3: Terrain Vague de Lisboa com cartografia histórica de 1911 disponibilizada pela Câmara Municipal de Lisboa (fonte: elaborada pelos autores).





Figura 4: Terrain Vague de Lisboa com cartografia histórica de 1950 disponibilizada pela Câmara Municipal de Lisboa (fonte: elaborada pelos autores).



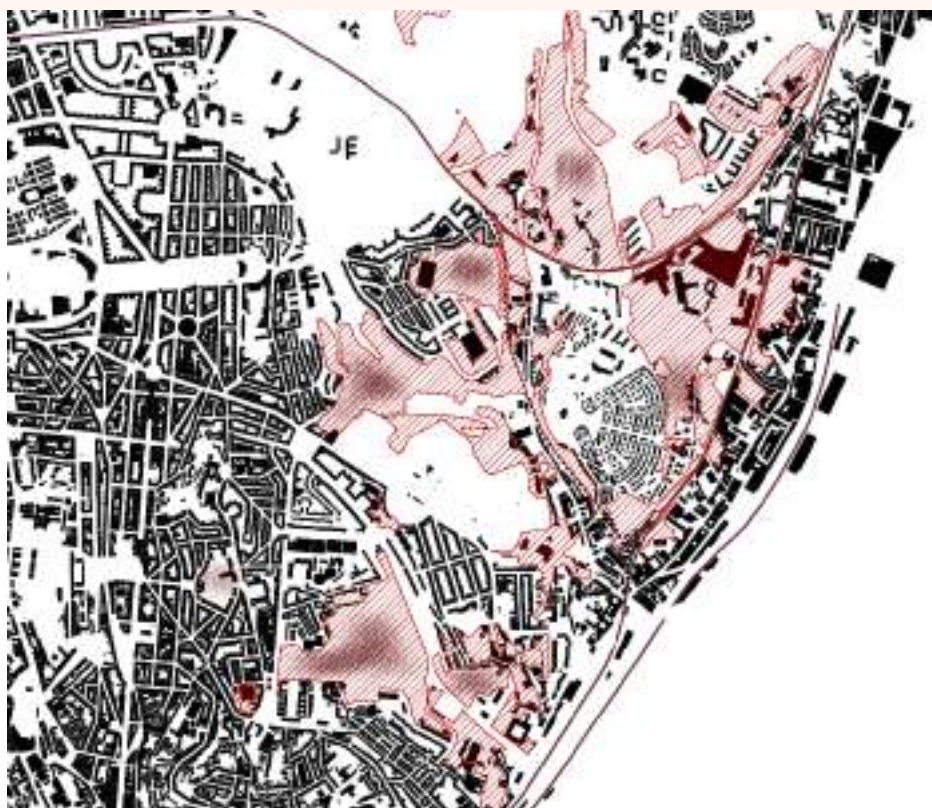


Figura 5: Terrain Vague de Lisboa com cartografia histórica de 1970 disponibilizada pela Câmara Municipal de Lisboa (fonte: elaborada pelos autores).

ANÁLISE VERTICAL

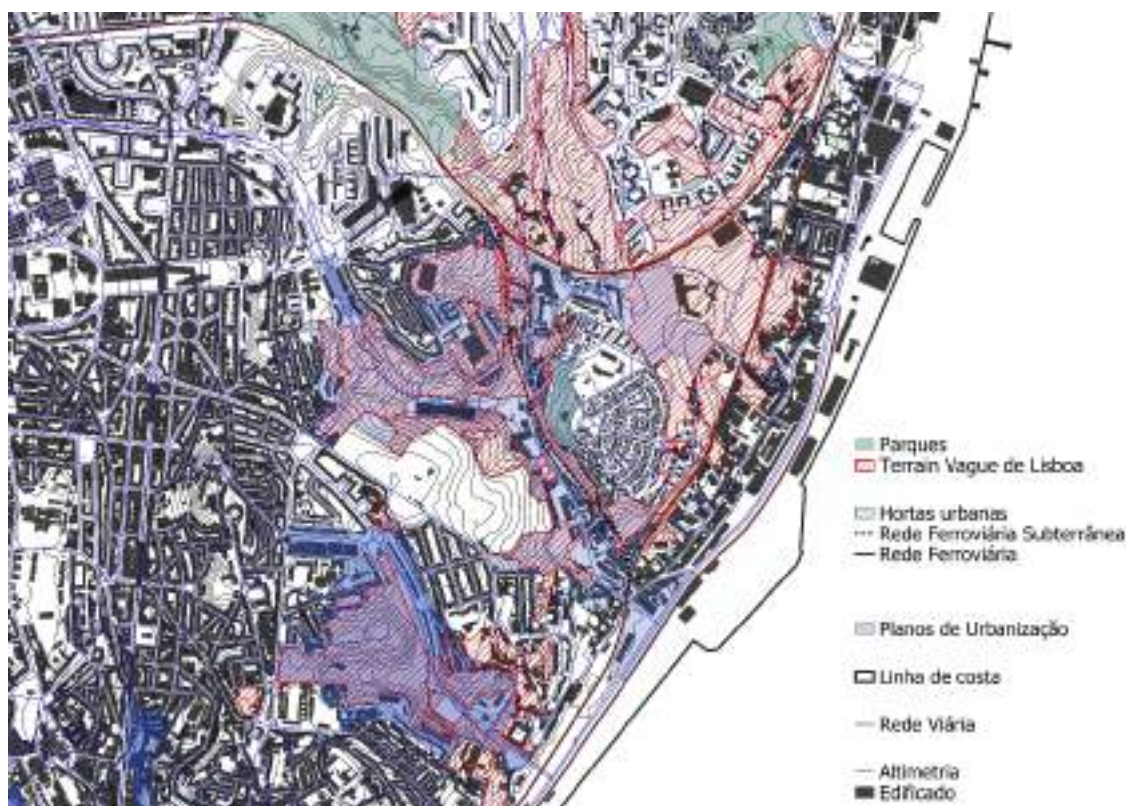




Figura 6: Análise vertical dos Terrain Vague com dados disponibilizados pela Câmara Municipal de Lisboa (fonte: elaborada pelos autores).



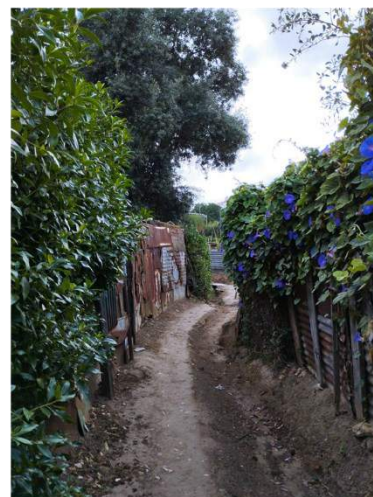
ANÁLISE HORIZONTAL



1



2



5



3



4



6



7

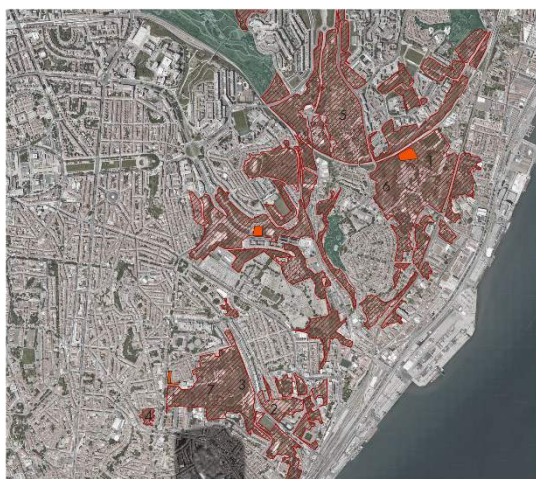


Figura 7: Análise horizontal através de visitas ao local (fonte: elaborada pelos autores).



RESULTADOS: TRÊS PROJECTOS ALTERNATIVOS DE ESPAÇOS PÚBLICOS

REGADOR

A associação O Regador é uma associação que gere uma horta urbana em Lisboa, na freguesia da Penha da França, acessível a partir da Avenida General Roçadas situada como já referimos no grande espaço não urbanizado das Torres do Alto da Eira. O terreno é propriedade da Câmara Municipal de Lisboa, embora, como já referimos, exista um projeto de requalificação desta zona que inclui a construção de novos edifícios. Embora as principais actividades da associação sejam o cultivo e a gestão da pequena horta urbana em socacos (a associação reúne-se todos os sábados de manhã para esse efeito), bem como o ensino e a divulgação de informação sobre técnicas agrícolas, qualidade alimentar e produção alimentar sustentável, as suas actividades não se limitam a isso. De facto, a associação propôs um rico programa de eventos que acolhe no pequeno espaço, desde workshops de culinária a concertos, sessões de cinema ao ar livre a eventos de informação, workshops de construção e sessões de yoga.

Page | 423

BRINCAPÉ

O Brincapé, nascido como um projeto BIP/ZIP, é uma associação que pretende oferecer novos espaços de brincadeira e novas formas de brincar a todas as crianças. Esta procura surge da proposta de uma alternativa que permita formas muito diferentes de aprender e brincar, em alternativa aos espaços de brincadeira cada vez mais estandardizados e regulamentados na cidade. A ideia principal é que um tipo de brincadeira diversificada em que a criança possa experimentar é a base para o desenvolvimento saudável da criança, para além de a expor à possibilidade de risco, por oposição aos espaços neutros, controlados e definidos da escola ou da cidade. O projeto reúne e representa num mapa uma rota de espaços alternativos na cidade de Lisboa. O espaço analisado é um deles e situa-se no mesmo espaço não urbanizado do Regador. O espaço é deixado completamente vazio, à exceção de um pequeno barracão de madeira onde são guardados os instrumentos. O chão é feito de terra e o espaço está completamente vazio, permitindo que seja preenchido de tempos a tempos de diferentes formas pelas crianças, pelos jogos e pela criatividade dos professores.

LIGA-TE AO BAIRRO



Figura 8: Associação O Regador, 2023. (fonte: elaborada pelos autores).



Figura 9: Associação Brincapé, 2023. (fonte: elaborada pelos autores).



Figura 10: Praça Liga-te ao Bairro. 2017. (fonte: ©Liga-te Ao Bairro, página do facebook).

CONCLUSÃO E DISCUSSÃO

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem à FCT, Fundação para a Ciência e a Tecnologia que financia a bolsa de investigação de um dos autores, e o centro de investigação DINÂMIA'CET-Iscte - Centro de Estudos sobre a Mudança Socioeconómica e o Território.

REFERÊNCIAS

- Augé, M. (1995) *Non-Places. Introduction to an Anthropology of Supermodernity*. London - New York: Verso.
- B. Potschin, M. and H. Haines-Young, R. (2011) 'Ecosystem Services', *Progress in Physical Geography*, 35: 575. doi:10.1177/0309133311423172.
- Balducci, A. (2012) 'Quale pianificazione per i territori post-metropolitani? Una riflessione a partire dalla rottura del legame tra forme dell'urbano e confini amministrativi', *Planum. The Journal of Urbanism*, 25(2), pp. 1–7.
- Berger, A. (2006) *Drosscape: Wasting land in urban America*. Princeton, NJ: Princeton Architectural Press.



Beveridge, R., Kip, M. and Oevermann, H. (2022) 'City From wastelands to waiting lands Retrieving possibility from the voids of Berlin', *City*, 26(2–3), pp. 281–303. doi:10.1080/13604813.2022.2040200.

Bowman, A.O. and Pagano, M.A. (2004) *Terra incognita : vacant land and urban strategies*. Georgetown University Press.

Brenner, N. and Schmid, C. (2011) 'Planetary urbanisation', in Gandy, M. (ed.) *Urban Constellations*. Berlin: Jovis.

Brighenti, A.M. (2013) *Urban Interstices: The Aesthetics and the Politics of the In-between*. Edited by A.M. Brighenti. Farnham: Ashgate. Available at: www.ashgate.com (Accessed: 6 February 2023).

Brito-henriques, E., Cavaco, C. and Labastida, M. (2019) *RUÍNAS E TERRENOS VAGOS. EXPLORAÇÕES, REFLEXÕES E ESPECULAÇÕES*. Lisbon: Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa.

Careri, F. (2006) 'Walkscapes. Camminare come pratica estetica'. Milano: Einaudi.

Caroline Goodden et al. (2016) *Gordon Matta-Clark: Experience Becomes the Object*. Edited by Pedro Donoso. Ediciones Polígrafa.

Carrilho da Graça, J.L.C. and Sequeira, M. (2019) 'Lisbona: civiltà e territorio', *RASSEGNA DI ARCHITETTURA E URBANISTICA*. Available at: Quodlibet.

Cavaco, C., Santos, J.R. and Brito-Henriques, E. (2018) *IDEAS FOR INTERVENTION IN ABANDONED URBAN SPACES EXPERIENCES FROM EASTERN LISBON AND BARREIRO*. Academia de Escolas de Arquitetura e Urbanismo de Língua Portuguesa.

Chiaromonte, G. and Geronazzo, L. (2009) *Giovanni Chiaromonte*: in Berlin. Triennale Architettura e Electa.

Clément, G. (2022) *Manifesto of the Third Landscape*. Trans Europe Halles.

Corboz, A. (1983) 'The Land as Palimpsest', *Diogenes*, 31(121). doi:<https://doi.org/10.1177/039219218303112102>.

Cortinovis, C. and Geneletti, D. (2018) 'Mapping and assessing ecosystem services to support urban planning: A case study on brownfield regeneration in Trento, Italy', *One Ecosystem*, 3. doi:10.3897/oneeco.3.e25477.

Deriu, D., Kamvasinou, K. and Shinkle, E. (2014) *Emerging landscapes : between production and representation*. Routledge. Available at: <https://www.routledge.com/Emerging-Landscapes-Between-Production-and-Representation/Deriu-Kamvasinou/p/book/9781138270152> (Accessed: 2 March 2023).

Expropiações em Lisboa nas décadas, de 30 e 40, do séc. XX (2016) *Paixão por Lisboa*. Available at: <https://paixaoporlisboa.blogs.sapo.pt/expropiacoes-em-lisboa-nas-decadas-de-10915>.

Franck, K.A. (2014) 'Isn't All Public Space Terrain Vague?', in Barron, P. and Mariani, M. (eds) *Terrain Vague: Interstices at the Edge of the Pale*. Routledge, pp. 153–170.

Friedmann, J. (2002) *The Prospect of Cities*. University of Minnesota Press.



Gandy, M. (2011) 'Introduction', in Gandy, M. (ed.) *Urban Constellations*. Jovis, pp. 149–153.

Gandy, M. (2013a) 'Entropy by design: Gilles Clément, Parc Henri Matisse and the Limits to Avant-garde Urbanism', *International Journal of Urban and Regional Research* [Preprint]. doi:10.1111/j.1468-2427.2012.01164.x.

Gandy, M. (2013b) 'Marginalia: Aesthetics, Ecology, and Urban Wastelands', *Annals of the Association of American Geographers*, 103(6), pp. 1301–1316. doi:10.1080/00045608.2013.832105.

Page | 428

Gandy, M. (2016) 'Unintentional landscapes', *Landscape Research*, 41(4), pp. 433–440. doi:10.1080/01426397.2016.1156069.

Gandy, M. (2022a) 'Ghosts and monsters : Reconstructing nature on the site of the Berlin Wall', *Transactions of the Institute of British Geographers*, 47, pp. 1120–1136. doi:10.1111/tran.12562.

Gandy, M. (2022b) *Natura Urbana. Ecological Constellations in Urban Space*. MIT Press.

Hwang, S.W. and Lee, S.J. (2020) 'Unused, underused, and misused: an examination of theories on urban void spaces', *Urban Research and Practice*, 13(5), pp. 540–556. doi:10.1080/17535069.2019.1634140.

Iannizzotto, L. et al. (2021) 'Walking in-between. Urban interstices on the Lisbon hillside', in Pinto, P.T., Brandão, A., and Silva Lopes, S. (eds) *Grand Projects Conference Proceedings*. Lisbon: DINAMIA'CET, pp. 451–463.

Kamvasinou, K. (2006) 'Vague parks: The politics of the late twentieth-century urban landscapes.', *Architectural Research Quarterly*, 10 (3-4), pp. 255–262.

Kamvasinou, K. (2011) 'The public value of vacant urban land', in *ICE - Municipal Engineer*, 164(3), pp. 157–166. Available at: <https://doi.org/10.1680/MUEN.9.00020> (Accessed: 2 June 2022).

Kamvasinou, K. (2018) 'Documenting interim spaces as 21st century heritage', in *AMPS Proceedings Series*, 15 (1), pp. 92–100.

Kamvasinou, K. and Roberts, M. (2014) 'Interim spaces: vacant land, creativity and innovation in the context of uncertainty', in Mariani, M. and Barron, P. (eds) *Terrain Vague: Interstices at the Edge of the Pale*. New York: Routledge, pp. 187–200.

Keil, R. (2020) 'An urban political ecology for a world of cities', *Urban Studies*, 57(11), pp. 2357–2370. doi:10.1177/0042098020919086.

Koolhaas, R. (1995) 'Generic City', in Koolhaas, R. and Mau, B. (eds) *Small, medium, large, extra-large*. New York: Monacelli Press, p. 1344.

Lopez-Pineiro, S. (2020) *A Glossary of Urban Voids*. Jovis. Available at: https://www.academia.edu/43152484/A_Glossary_of_Urban_Voids (Accessed: 28 February 2023).

Lynch, K. (1990a) 'The Waste of Place', *Places*, 6(2).

Lynch, K. (1990b) *Wasting away*. Edited by M. Southworth. Sierra Club Books.



Manolo Laguillo (2007) Barcelona 1978-1997. Manolo Laguillo. Impreso. Available at: <https://www.macba.cat/es/aprender-investigar/publicaciones/barcelona-1978-1997-manolo-laguillo> (Accessed: 4 March 2023).

Marat-Mendes, T. et al. (2021) 'Where the fields have no name: Urban-rural transitions in the Lisbon Region planning history', *Cidades*, 41(41), pp. 105–132. doi:10.15847/CCT.20497.

Marat-Mendes, T. and Mafalda Teixeira de Sampayo (2010) 'Étienne de Groër: The different scales of the urban intervention in Lisbon territory', in first EAHN conference European Architectural History Network Guimarães 2010. Universidade do Minho, p. 32.

Mariani, M. and Barron, P. (2011) 'Cinematic space in Rome's disabitato: Between metropolis and terrain vague in the films of Fellini, Antonioni, and Pasolini', *Modernism - Modernity*. Johns Hopkins University Press, pp. 309–333. doi:10.1353/mod.2011.0048.

Marini, S. (2010) *Nuove Terre*. Macerata: Quodlibet. Available at: <https://www.quodlibet.it/libro/9788874623747> (Accessed: 18 February 2023).

Newman, G. et al. (2018) 'Vacant urban areas : Causes and interconnected factors Vacant urban areas : Causes and interconnected factors', *Cities*, 72(November 2017), pp. 421–429. doi:10.1016/j.cities.2017.10.005.

Perrone, C. (2019) "'Downtown Is for People": The street-level approach in Jane Jacobs' legacy and its resonance in the planning debate within the complexity theory of cities', *Cities*, 91, pp. 10–16. doi:10.1016/J.CITIES.2018.12.023.

Petrescu, D. et al. (2021) 'Calculating the value of the commons: Generating resilient urban futures', *Environmental Policy and Governance*, 31(3), pp. 159–174. doi:10.1002/eet.1890.

Pinto, A.J. and Brandão, A.L. (2015) 'A multi-scale approach of public space networks in the scattered city', *Urban Design International*, 20(3), pp. 175–194. doi:10.1057/udi.2015.4.

Ravagnati, C. (2016) *L'invenzione del territorio : l'atlante inedito di Saverio Muratori*. F. Angeli.

Ribeiro, F. (2005) 'Ribeiro Telles critica urbanização prevista pela EPUL para o Vale de Santo António', *Público*. Available at: <https://www.publico.pt/2005/01/04/local/noticia/ribeiro-telles-critica-urbanizacao-prevista-pela-epul-para-o-vale-de-santo-antonio-1212255>.

Romano, M. (1993) 'L'estetica della città europea : forme e immagini'. Available at: <https://www.einaudi.it/catalogo-libri/arte-e-musica/architettura/lestetica-della-citta-europea-forme-e-immagini-marco-romano-9788806128067/> (Accessed: 3 February 2023).

Romano, M. (2010) 'Ascesa e declino della città europea'. Available at: <https://www.raffaellocortina.it/scheda-libro/marco-romano/ascesa-e-declino-della-citta-europea-9788860303196-627.html> (Accessed: 3 February 2023).

Secchi, B. (2005) *La città del ventesimo secolo*. Edited by D. Calabi. Roma - Bari: Laterza. Available at: <https://www.laterza.it/scheda-libro/> (Accessed: 3 February 2023).

Sieverts, T. (2003) *Cities Without Cities: An Interpretation of the Zwischenstadt*. London: Spon Press. Available at: www.sponpress.com.

Soja, E. (2000) *Postmetropolis. Critical Studies of Cities and Regions*, *Postmetropolis : Critical Studies of Cities and Regions*. Wiley-Blackwell. Available at: <https://www.wiley.com/en->



us/Postmetropolis%3A+Critical+Studies+of+Cities+and+Regions-p-9781577180012
(Accessed: 2 February 2023).

Solà-Morales, I. de (1995) 'Terrain Vague', in Cynthia Davidson (ed.) Anyplace, Anyone. MIT Press, pp. 118–123.

Spirito, G. (2015) In-between places. Macerata: Quodlibet. Available at: <https://www.quodlibet.it/libro/9788874625390> (Accessed: 18 February 2023). Page | 430

Torres do Alto da Eira (2023) Open House Lisboa. Available at: <https://www.trienaldelisboa.com/ohl/espaco/torres-do-alto-da-eira/>.

UN-Habitat (2009) Regional Cities Reports: State of the World's Cities 2008/2009 – Harmonious Cities. Available at: <http://ebooks.worldscinet.com/ISBN/9789814280730/9789814280730.html>.

United Nations (2018) The 2030 Agenda and the Sustainable Development Goals An opportunity for Latin America and the Caribbean . Santiago. Available at: www.cepal.org/en/suscripciones (Accessed: 13 February 2023).

Zetti, I. and Rossi, M. (2018) In mezzo alle cose: Città e spazi interclusi. Vol. A. Dipartimento di Architettura Università degli Studi di Firenze.